



DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM: CONCEPÇÕES E PROBLEMÁTICAS CONTEMPORÂNEAS*

Larissa Batista Carvalho Santos¹

Mônica Pereira Reis Amarante Dória Pereira²

Resumo

Diversas concepções sobre dificuldades de aprendizagem (DA) surgem nos ambientes sociais. A forma como essas concepções são assimiladas e aplicadas com sujeitos que possuem baixos rendimentos de aprendizagem tem preocupado os pedagogos, psicólogos, psicopedagogos e outros profissionais. Por isso, se expressa, neste artigo concepções sobre as DA de alguns autores e suas problemáticas na contemporaneidade, afim de, proporcionar compreensão e reflexão sobre esse tema pouco debatido e mal compreendido. A partir das DA destacaremos o TDAH (Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade) desde o seu conceito até características importantes para a identificação, diagnósticos e tratamentos.

Palavras-chave: Dificuldades de aprendizagens, concepções, problemáticas.

Abstract

Several conceptions of learning disabilities (LA) arise in social environments. The way these concepts are learned and applied to subjects who have low incomes learning has concerned educators, psychologists, educational psychologists and other professionals. Therefore, if expressed in this article about the conceptions of some of LA and its authors in contemporary issues in order to, provide understanding and reflection on this topic rarely discussed and poorly understood. From LA highlight of the ADHD (Attention Deficit / Hyperactivity

¹ Graduanda, pesquisadora grupo de Pesquisa em Tecnologias Intelectuais, Mídias e Educação Contemporânea (SEMINALIS), licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS)/ laryssabatista@gmail.com.

² Graduanda, pesquisadora grupo de Pesquisa em Tecnologias Intelectuais, Mídias e Educação Contemporânea (SEMINALIS) e bolsista pelo Programa de Iniciação Científica (PIIC-CNPQ-UFS), licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), / monicapprad@yahoo.com.br

*Artigo para ser apresentado no Educon-2012, com vínculo ao eixo 15. **Psicologia, Aprendizagem e Educação: aspectos psicopedagógicos e psicossociais.**

Disorder) since its concept to characteristics important for identification, diagnosis and treatm.

Keywords: learning difficulties, concepts, issues

INTRODUÇÃO

As transformações que ocorrem no mundo contemporâneo têm afetado as relações sociais, que por sua vez, conduz a múltiplas interpretações de mundo. Fala-se em sociedade globalizada e multifacetada, sendo a primeira uma homogeneidade de concepções, culturas e ideologias, e a segunda direcionada pela heterogeneidade de concepções, culturas e ideologias. Ambas, determinam as interpretações, compreensões e concepções de mundo.

Diante das contradições impostas pelo mundo contemporâneo a sociedade torna-se refém do imaginário social que é desprovido de convicções baseadas em estudos científicos. Ao citar o imaginário social temos que saber que este possui o senso comum como embasamento, por isso, necessita-se o estudo sobre a teoria das representações sociais para compreender o que é, como surge, e onde se atua. As representações sociais, ao explicar o imaginário social, permite analisar/refletir as concepções – de mundo, crença, política, economia, educação entre outros –, de uma sociedade. Essas concepções pertencem à dialética como tentativa de encontrar verdades e conclusões para circunstâncias de qualquer natureza. É nesse sentido que:

“Há muitas formas de conceber e de abordar as representações sociais, relacionando-as ou não ao imaginário social. Elas são associadas ao imaginário quando a ênfase recai sobre o caráter simbólico da atividade representativa de sujeitos que partilham uma mesma condição ou experiência social: eles exprimem em suas representações o sentido que dão a sua experiência no mundo social, servindo-se dos sistemas de códigos e interpretações fornecidos pela sociedade e projetando valores e aspirações sociais.” (JODELET, 1990 apud MAZOTTI, 1994, p. 61).

Através das representações sociais vemos como certas concepções, muitas vezes, são erroneamente apresentadas. Destacam-se neste artigo as definições e problemáticas contemporâneas em relação às dificuldades de aprendizagem nos ambientes sociais – escola, família, sociedade –. Dificuldades de aprendizagem são umas das muitas concepções que vem sendo discutidas em pesquisas das ciências humanas. Apesar do baixo número de pesquisas, voltadas para essa temática, acredita-se que através de interesses dos pesquisadores das áreas de educação, psicologia e áreas afins se consigam mostrar, para a sociedade, as definições e problemáticas das dificuldades de aprendizagem.

Dificuldades de aprendizagem são comumente expostas no ambiente escolar o que vem preocupando pesquisadores como e de que forma são feitos os diagnósticos nas crianças. Os professores ao depararem com crianças que não satisfazem aos planejamentos e a seus instrumentos de controle acabam rotulando, e até às vezes menosprezando essa criança sob o argumento de ser uma criança problemática ou hiperativa. Ao passar os seus conflitos para os gestores acabam recebendo orientações divergentes com a situação. Esse jogo de falta de conhecimento provoca nos professores e gestores um ambiente de incompetência e alienação. Ficando a cargo de psicólogos e psicopedagogos tomar devidas incumbências de solucionar as dificuldades de aprendizagem.

DELINEANDO CONCEPÇÕES DE DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

As dificuldades de aprendizagem tem sido alvo de constantes debates entre estudiosos, psicólogos, psicopedagogos, professores, gestores e pais, já que, todos fazem parte do processo de desenvolvimento cognitivo das crianças. Entender o que são dificuldades de aprendizagem remete ao indivíduo uma gama de leitura sobre tal temática, evitando assim terminologias/rótulos nas crianças que vão de encontro com a real situação. O diagnóstico de dificuldade de aprendizagem tem que ser bem avaliado pelos profissionais competentes para que sejam direcionadas atividades que estimulem a criança superar os seus conflitos com a aprendizagem.

Ao realizar a pesquisa conceitual nos deparamos com várias terminologias usadas para designar os baixos rendimentos dos alunos em relação a sua aprendizagem. Termos como distúrbios de aprendizagem, transtornos na aprendizagem, problemas na aprendizagem entre

outros são usados. Essa variedade de concepções tem causado problemas, pois dá indício de que as rotulações errôneas e diagnósticos errados podem surgir a partir dos próprios profissionais envolvidos. Sendo assim, a terminologia utilizada neste artigo será dificuldade de aprendizagem por acreditar que esta apresenta dá mais precisão e clareza sobre o assunto.

Breve retrocesso histórico e suas concepções

As primeiras concepções sobre dificuldades de aprendizagem surgem por volta da década de 60 e ganha destaque com a publicação do livro Educação da Criança excepcional de Samuel Kirk e James Gallagher. Os autores apresentam as dificuldades de aprendizagem com o termo distúrbios de aprendizagem e tem seu significado atrelado a “rótulo que inclui um grupo heterogêneo de crianças que não se encaixam muito bem nas categorias³ tradicionais de crianças excepcionais” (KIRK & GALLAGHER, 2002, p. 364). Entretanto, em literaturas posteriores, a exemplo de GARCIA (1998), KIRK (1962) expressa o termo dificuldades de aprendizagem e não mais distúrbio, sendo este:

“Uma dificuldade de aprendizagem refere-se a um retardamento, transtorno, ou desenvolvimento lento em um ou mais processos da fala, linguagem, leitura, escrita, aritmética, ou outras áreas escolares, resultantes de um *handicap* causado por uma possível disfunção cerebral e/ou alteração emocional ou condutual. Não é o resultado de retardamento mental, privação sensorial ou fatores culturais e instrucionais” (KIRK apud GARCÍA, 1962. p.263)

Por volta do final da década de 60 a década de 70 o termo dificuldade de aprendizagem começa ser mais utilizado e descrito devido o surgimento de instituições e grupos norte-americanos que dedicavam seus estudos as crianças que não aprendiam. Instituições/grupos como *Learning Disabilities Association of America* (LDA) (1), e a

³ As categorias descritas por KIRK & GALLAGHER difere a criança excepcional da criança “*típica ou normal*” (*grifo nosso*) quanto a: “suas características mentais, suas capacidades sensoriais, suas características neuromotoras ou físicas, seu comportamento social, sua capacidade de comunicação ou deficiências múltiplas. Essas diferenças devem ser suficientemente notáveis a ponto de requererem a modificação das práticas escolares, ou de necessitar serviços de educação especial [...]” (KIRK & GALLAGHER, 2002, p. 04)

National Advisory Cominttee on Handicapped Children (NACHC) (3) contribuíram para formulação e compreensão do termo. As concepções são expressas a seguir⁴:

(1) “São uma condição crônica de suposta origem neurológica que interfere seletivamente no desenvolvimento, integração e/ou não verbais. As dificuldades de aprendizagem específicas existem como uma condição incapacitante e variam em suas manifestações e no grau de severidade. Ao longo da vida, a condição pode afetar a autoestima, a educação, a vocação, a socialização, e/ou as atividades da vida diária.” (ACLD, 1986, p.15)

(2) “As crianças com dificuldades de aprendizagem especiais (específicas – linguagem, leitura, escrita e matemática) possuem uma desordem em um ou mais dos processos psicológicos básicos envolvidos na compreensão ou uso da linguagem falada ou escrita. Estas dificuldades podem manifestar-se por desordens na recepção da linguagem, no pensamento, na fala, na leitura, na escrita, na soletração ou na aritmética. Tais dificuldades incluem condições que têm sido referidas como deficiências perceptivas, lesão cerebral, disfunção cerebral mínima, dislexia, afasia de desenvolvimento, etc. Elas não incluem problemas de aprendizagem resultantes principalmente de deficiência visual, auditiva ou motora, de deficiência mental, de perturbação emocional ou de desvantagem ambiental. (NACH, 1968, p.34).”

Percebe-se que as concepções destas instituições/grupos são resultados de estudos sobre deficiências cognitivas e psicológicas que não necessariamente esteja ligada a disfunções neurológicas, mas podem estar ligadas as lesões e alterações cerebrais, desequilíbrios químicos e até mesmo hereditariedade. (SMITH & STRICK, 2001).

Já nas décadas de 80, 90 e a partir do ano 2000, vários movimentos internacionais a favor das problemáticas sobre dificuldades de aprendizagem ganham forças com a participação de novos estudiosos da pedagogia, psicologia e medicina. Autores como BASSEDAS (1996), MORAES (1997), CATANIA (1999), NICASIO (1999), BOSSA (2000), DOCKRELL & MCSHANE (2000), SISTO (2001), SMITH & STRICK (2001), POZO (2002) e GUERRA (2002) contribuem para o avanço dos debates e de novas concepções.

Como a nossa finalidade é apresentar alguns autores que tem dedicado as suas pesquisas para nossa temática na contemporaneidade buscou-se expor as concepções dos

⁴ As citações descritas foram extraídas a partir da tradução do livro *Manual de Dificuldades de aprendizagem: Linguagem, leitura, escrita e matemática* de Jesus Nicasio García, entretanto a escrita original disponível nas referências.

autores SMITH & STRICK (2001), SISTO (2001) e DOCKRELL & MCSHANE (2000). Os mesmos estabelecem critérios para avaliar as crianças que apresentam dificuldades que podem ser momentâneas e/ou permanentes.

SMITH & STRICK (2001)⁵ alegam que dificuldades de aprendizagem são “*problemas neurológicos que afetam a capacidade do cérebro para entender, recordar ou comunicar informações*” (p. 14), sendo assim, este termo “*refere-se não a um único distúrbio, mas a uma ampla gama de problemas que podem afetar qualquer área do desempenho acadêmico.*” (p.15). Essa concepção apresenta-se de forma global, não fazendo distinção entre distúrbio e transtorno, apenas ressalta que as dificuldades estão relacionadas a problemas neurológicos. Já SISTO (2001), fragmenta as dificuldades de aprendizagem em duas vertentes, a primeira como condição permanente – corresponde a questão neuropsicológica - e a segunda como condição temporária – correspondem muitas vezes a atraso de desenvolvimento, não afetando/manifestando a danos cerebrais –, porém na sua definição é apontada como:

“Dificuldade de aprendizagem engloba, um número heterogêneo de transtornos, manifestando-se por meio de atrasos ou dificuldades em leitura, escrita, soletração, cálculo, em crianças com inteligência potencialmente normal ou superior e sem deficiências visuais, auditivas, motoras ou desvantagens culturais.” (SISTO, 2001, p. 193)

Por fim, DOCKRELL & MCSHANE (2000) trazem também distinção sobre as dificuldades de aprendizagem, entretanto essa distinção retrata-se a dificuldades específicas – linguagem, leitura, escrita e matemática – e dificuldades gerais – deficiência mental, auditiva, visual, ou seja, que engloba uma série de problemas irreversíveis –. Podemos destacar que o autor separa os dois termos para reafirmar que ambos os casos, independente da condição do sujeito, as dificuldades estão presentes.

“Muitas crianças apresentam dificuldades de aprendizagem. A dificuldades pode ser específica, como ocorre quando a criança apresenta dificuldades na leitura, ou pode ser geral, quando, por exemplo, ela apresenta um aprendizado mais lento que o normal em uma série de tarefas.” (DOCKRELL & MCSHANE, 2000, p.11 e 12)

⁵ As autoras trazem o transtorno de déficit de atenção/hiperatividade (TDAH), deficiência da percepção visual, deficiência de processamento da linguagem e as deficiências motoras finas como tipos básicos de dificuldades de aprendizagem. Discutiremos, na segunda parte deste artigo, sobre TDAH e como tem sido problematizada na contemporaneidade.

A necessidade de ter, claramente, a concepção de dificuldade de aprendizagem na prática pedagógica indica que o fracasso escolar não está ligado diretamente com o fracasso do aluno. Por muito tempo o discurso do fracasso escolar remetia-se aos baixos rendimentos dos alunos na execução das atividades planejadas pelos professores, isso caracterizava a escola como inocente de práticas desgastadas e desmotivadoras. Assim, o sucesso do aluno resumia-se apenas aos seus próprios esforços. Por não mais satisfazer esse discurso o processo de ensino e aprendizagem começa ser questionado o que provoca a busca de respostas para o fracasso do aluno e da escola.

PROBLEMÁTICAS CONTEMPORÂNEAS: TDAH E SUA CLASSIFICAÇÃO COMO DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM

O tema a ser tratado a seguir ainda é pouco discutido, poucos profissionais se dedicam ao estudo dos transtornos de déficit de atenção (TDAH), o que dificulta e muito a identificação e o tratamento desses transtornos. A hiperatividade é um tema que recentemente vem sendo levado a pauta das discussões principalmente no campo da educação, mas, é preciso ter cuidado para que o assunto não seja banalizado.

É fato que a TDAH tornou-se bastante discutido no meio escolar, e acadêmico, onde tem sido alvo de constantes pesquisas, que possuem o intuito de esclarecer e facilitar a identificação de alguns fatores que podem ajudar na identificação de indícios do transtorno na criança. É preciso lembrar que a um longo caminho entre a identificação e o diagnóstico, envolvendo-se nesse processo várias entidades, como a família e a escola, não descartando a importância fundamental no tratamento de médicos, psicólogos, psicopedagogos dentre outros profissionais que fazem um trabalho conjunto no tratamento da TDAH.

O que é TDAH?

Segundo ROHDE & BARBOSA, podemos considerar o Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade (TDAH), sendo caracterizado por problemas relacionados com falta de atenção, hiperatividade e impulsividade. Esses problemas resultam de um desenvolvimento não adequado e causam dificuldades na vida diária, portanto, quem apresenta esse transtorno, possui dificuldade para se concentrar e manter a atenção.

“O nome TDA surgiu pela primeira vez em 1980, quando o Manual Diagnóstico e Estatístico dos Distúrbios Mentais, descreve que a dificuldade de se concentrar e manter a atenção era o ponto central desse transtorno. Contudo, em 1987, o Transtorno de Déficit de Atenção foi renomeado para TDAH, onde se procurou resgatar a ênfase na hiperatividade e na impulsividade, sintomas que haviam sido excessivamente diminuídos.” (BELLI 2008, p.19)

Como identificar?

“A identificação das causas dos problemas de aprendizagem escolar requer uma intervenção especializada.” (BOSSA, 2000)

Identificar qualquer tipo de problema não é fácil, e a TDAH necessita de um trabalho conjunto entre principalmente a escola e a família, que devem atuar parceiramente desde a identificação do problema, até o tratamento.

A partir de alguns sinais apresentados pela criança é possível entrar em um estado de alerta e procurar ajuda de outros profissionais, para um diagnóstico correto da TDAH, pois as pessoas que apresentam o transtorno reagem impulsivamente e não têm a capacidade de se acalmar e refletir, não usam as funções executivas que incluem a memória (BELLI, 2008), a partir desses pressupostos iniciais podemos trabalhar os sinais que auxiliaram no diagnóstico da TDAH. *“Um estudo recente descobriu que 60% das crianças com dificuldades de aprendizagem tinham pais e/ ou irmãos com problemas similares de aprendizagem.”* (SMITH, 2001 p.28).

Até ter o diagnóstico constatado, a criança que apresenta o transtorno ao longo de sua trajetória escolar apresenta vários fracassos, o que de algum modo prejudica a vida da criança não só escolar, mas principalmente familiar, pois nem todas as famílias estão preparadas para lidar com o problema, em alguns casos a família é o principal empecilho para que esta criança no futuro, com um tratamento adequado, possa ter uma vida considerada normal.

De acordo com BELLI (2008), é comum existirem crianças e adolescentes mais ativos, mais excitados, menos atentos e mais impulsivos. A dificuldade está quando essas características causam problemas sérios em vários contextos, considerando principalmente a escola e o ambiente familiar.

O diagnóstico

“Muitas coisas podem atrapalhar uma criança na escola.” (BOSSA 2000, p.98)

A vida moderna exige muito, não só dos adultos, mas também das crianças que precisam acompanhar o desenvolvimento da sociedade, os conhecimentos institucionalizados ministrados pela escola mudaram, a história está mudando e as crianças precisam estar preparadas para acompanhar todas essas mudanças históricas, políticas e sociais, *“para viver nos tempos modernos necessitamos muitos conhecimentos”* (BOSSA, 2000).

“É preciso identificar as causas que estão atrapalhando a criança na escola: Problemas no relacionamento professor-aluno; problemas familiares; problemas com o conteúdo escolar por; e muitos outros que acabam tornar a escola um lugar aversivo.” (BOSSA 2000, p.98-104)

Segundo alguns autores como BELLI, descrevem alguns sintomas que podem caracterizar a criança como portador de TDAH, os sintomas são inúmeros e podem ser apresentados desde a gravidez, ou em diversas situações que podem ser observadas na vida familiar dessas crianças. Não existe um exame específico que identifique na criança o

transtorno, porém e de suma importância exames e históricos médicos que ajudam identificar algumas substâncias no corpo como, por exemplo, a serotonina, que podem ser atrelados ao diagnóstico.

“A hiperatividade se caracteriza pela presença frequente das seguintes características: agitar as mãos ou os pés ou se remexer na cadeira; abandonar sua cadeira em sala de aula ou outras situações nas quais se espera que permaneça sentado; correr ou escalar em demasia, em situações nas quais isto é inapropriado; pela dificuldade em brincar ou envolver-se silenciosamente em atividades de lazer; estar frequentemente "a mil" ou muitas vezes agir como se estivesse "a todo o vapor"; e falar em demasia. Os sintomas de impulsividade são: frequentemente dar respostas precipitadas antes das perguntas terem sido concluídas; com frequência ter dificuldade em esperar a sua vez; e frequentemente interromper ou se meter em assuntos de outros.” (ROHDE, 2000)

É preciso fazer uma avaliação individual, para que se possa diagnosticar corretamente o transtorno, que envolve a escola na figura do professor e do psicopedagogo, afinal a psicopedagogia nasceu justamente porque existem alguns problemas escolares que, para serem evitados ou solucionados, requerem um “olhar” especial (BOSSA, 2000).

Um dos grandes problemas identificado no diagnóstico da TDAH é a normatização do problema por alguns profissionais desqualificados, que muitas vezes rotulam a criança como hiperativa, pelo simples fato da criança ser ativa, mascarando muitas vezes a realidade daqueles que realmente precisam de ajuda.

Tem tratamento, como tratar?

“O tratamento do TDAH envolve uma abordagem múltipla, englobando intervenções psicossociais e psicofarmacológicas.” (ROHDE, 2000)

O TDAH, não tem cura, mas tem tratamento, esse processo envolve um trabalho conjunto entre família e outros profissionais como o professor que atua em sala de aula, com a criança, o psicopedagogo, psicólogo e em alguns casos psiquiatra, daí a necessidade de alguns casos isolados serem tratados com medicação.

No tratamento é de suma importância o uso de materiais didáticos adequados e métodos aplicados por profissionais preparados para lidar com a situação sem causar prejuízos a autoestima da criança, procurando sempre aumentar a confiança da criança para agir com segurança em situações familiares e sociais.

A calma e a paciência são palavras chave no tratamento, saber agir dará na maioria dos casos, sinais positivos de avanços, é muito importante também valorizar as diferenças, evitar fazer comparações como do tipo “fulano é melhor do que sicrano”, elogiar pequenos avanços, por mais insignificantes que pareçam, pois a aprendizagem se dá de forma gradual e no tempo da criança.

A importância da família no tratamento

“É preciso muita coragem para que essas crianças enfrentem todos os problemas que têm na escola. As crianças cujos pais entendem e acreditam nelas são aquelas que têm sucesso. Mesmo quando tudo dá errado, elas continuam estabelecendo objetivos e encontrando maneiras de chegar aonde querem ir.” (SMITH, 2001 p.38)

Estabelecer limites que determinem até onde a família deve ir no tratamento da TDAH, é impossível, pois, o tratamento se dá constantemente dialogando principalmente com a escola, uma ajudando a outra, fazendo observações e comentários sobre os avanços e retrocessos nos métodos utilizados para o tratamento.

A calma e a paciência também devem predominar na família, que não pode agir de forma impulsiva aplicando castigos, acreditando que a criança é capaz de pensar e realizar as suas próprias atividades, evitar a realização de tarefas de longa duração, procurando não chegar a exaustão.

A importância da escola no tratamento e no diagnóstico

“A profissão “educador” é, antes de tudo, uma missão, uma doação... Precisamos praticar o olhar e o escutar... A reconhecer no outro o ser pensante que é. A dar atenção ao outro, afinal atenção vem do verbo atender que significa cuidar.” (BELLI, 2008, p.49)

A observação do professor em sala de aula, pois, é um dos primeiros profissionais capazes de identificar que tem algo de errado com a criança, tendo o cuidado necessário para não confundir uma criança viva e ativa com hiperatividade, não mergulhar no lugar comum de dizer que seu aluno é hiperativo só por que todos falam em hiperatividade, muito do que se fala são mais hipóteses do que certezas (Belli 2008).

O professor tem que ter a sensibilidade de perceber se a criança está apresentando dificuldades, e por que ela está apresentando dificuldade, as vezes muitas dificuldades apresentadas tem causas externas, na escola e na família.

No tratamento o professor depois de suas observações, tem que ter o cuidado de fazer a criança com TDAH, não se sinta inferior e que os demais colegas não o tratem diferente, suas atividades devem ser iguais, o trabalho pedagógico do professor será aplicado de maneiras diferentes, por que o aprendizado das crianças hiperativas se dará de forma diferente.

Um dos métodos muito utilizados que facilitam a aprendizagem das crianças que possuem TDAH, é o método Montessori, quando a criança ira aprender através de materiais sensório motor, escolhendo suas atividades no seu tempo, Montessori revolucionou não só o sistema educacional, mas também a vida das crianças, já que elas são o centro do processo educativo. Outro fator que pode interferir a classe certa, o currículo certo e o professor certo são críticos para essas crianças, e sua escolha, em geral, faz a diferença entre o fracasso frustrado e o sucesso sólido, (Smith 2001).

A autora BELLI (2008), lista os seguintes recursos que podem auxiliar o professor no seu trabalho, principalmente com crianças que apresentem o TDAH como o uso de materiais como retroprojeter, PowerPoint, filmes curtos, desenhos, histórias curtas, dentre outros materiais que auxiliem a interação da criança que apresenta o transtorno com as demais e as atividades propostas.

“Para que o psicopedagogo possa ajudar nas dificuldades escolares a criança precisa ser cooperativa e acreditar que ele vai entender tudo o que lhe for

revelado, mesmo que seja naquela linguagem especial do desenho, do brinqueado, do jogo...” (BOSSA, 2000 p.114)

Através do estudo realizado sobre a TDAH é possível identificar, aspectos culturais, sociais, econômicos dentre outros que podem desencadear o transtorno na criança, as pesquisas que estão sendo realizadas nos dá um parâmetro de como o professor pode entrar em estado de alerta, com determinada criança, procurando dialogar com outros profissionais como o psicopedagogo e a família, peças fundamentais para um diagnóstico correto e um tratamento eficaz.

BOSSA (2000) esclarece que a função do psicopedagogo é ajudar crianças e adolescentes a resolverem seus problemas na vida escolar. O psicopedagogo junto com o professor e a família deverá ser capaz de identificar o que está atrapalhando o desempenho da criança na escola. Ainda é preciso ressaltar que a intervenção do psicólogo é necessária, o tratamento é individual e se feito em conjunto tende a conduzir a criança para uma vida normal.

Outro ponto que devemos salientar antes de encerrar este trabalho é sobre a importância de não confundir a falta de educação e limites com a hiperatividade, a sociedade na sua correria diária, acaba por terceirizar vários serviços inclusive a educação formal e informal dos próprios filhos, que acabam se tornando vítimas da sociedade do consumo e dos males modernos como a depressão, stress, fobia dentre outros.

CONCLUSÃO

As dificuldades de aprendizagem não devem ser tratadas como algo banal. Dificuldades de aprendizagem exigem de todos os envolvidos com a criança um comprometimento e sabedoria para não permitir que ela se torne um indivíduo negativo e um adulto frustrado. O que se deve legitimar é atenção e conforto para aqueles em situação de desvantagem. Professores e pais tem que ser parceiros. O olhar sobre a criança tem que ser de ambas as partes e sempre ser colocado claramente para a criança que a condição que ela se encontra não a torna um ser abastardo de direitos e deveres.

Espera-se que este artigo possa contribuir para a ressignificação de conceitos errôneos sobre dificuldades de aprendizagem, afim de que novas posturas e atitudes sejam revistas para com os alunos. Acreditamos que a voz da criança tem que ser ouvida. Ela é o sujeito principal dessas discussões, por isso, ouvi-la é importante para que ela possa expressar as suas angustias, seus sonhos e seus conflitos.

REFERÊNCIAS

BOSSA, Nadia A. Dificuldades de aprendizagem: o que são? Como tratá-las? Porto Alegre: Artmed, 2000.

BASSEDAS, Eulália. Intervenção educativa e diagnóstico psicopedagógico. Porto Alegre: Artmed, 1996.

BELLI, Alexandra Amadio. TDAH! E agora?: A dificuldade e da escola e da família no cuidado e no relacionamento com crianças e adolescentes portadores de Déficit de Atenção/Hiperatividade / Alexandra Amadio Belli. – São Paulo: Editora STS, 2008.

CATANIA, A. Charles. Aprendizagem: comportamento, linguagem e cognição. Tradução Deisy das Graças de Souza. Porto Alegre, Artmed, 1999.

DOCKRELL, Julie & MCSHANE, John. Crianças com dificuldades de aprendizagem: uma abordagem cognitiva. Tradução Andrea Negreda. Porto Alegre: Artmed, 2000.

GIMENEZ, Eloisa H.R. Dificuldades de aprendizagem ou distúrbio de aprendizagem? v. 8, n. 8 (2005): Revista de Educação. Disponível em: <http://sare.unianhanguera.edu.br/index.php/reduc/article/viewFile/180/176>. Acesso em 30 de abril de 2012.

GUERRA, Leila Boni. **A criança com dificuldades de aprendizagem**: considerações sobre a teoria – modos de fazer. Rio de Janeiro: Enelivro, 2002.

JODELET, D. Représentation sociales: phénomène, concept et théorie. In: MAZZOTI, Alda Judith A. Representações sociais: aspectos teóricos e aplicações à educação. Revista em aberto, Brasília, ano 14, n.61, jan./mar. 1994. Disponível em

<http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/viewFile/912/818>. Acesso em 28 de abril de 2012.

KIRK, Samuel & GALLAGHER, James J. Educação da criança excepcional. Tradução Marília Zanella Sanvicente. 3ed. São Paulo. Editora Martins Fontes, 1996.

MORAES, Antônio Manoel Pamplona. **Distúrbios de Aprendizagem:** uma abordagem psicopedagógica. São Paulo: Edicon, 1997.

National Advisory Comitttee on Handicapped Children (1968). Special education for handicapped children (first annual Report). Washignton, DC:Departament of Health, Education, & Welfare. Disponível em <http://www.eric.ed.gov/PDFS/ED018058.pdf>. Acesso em 03 de maio de 2012.

POZO, Juan I. Aprendizes e mestres: A nova cultura da aprendizagem. Tradução Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2002.

ROHDE, Luis Augusto; Barbosa, Genário. Transtorno de Déficit de Atenção/ Hiperatividade. Rev. Bras. Psiquiatr. vol.22 s.2 São Paulo Dec. 2000. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=1516-444620000006&script=sci_issuetoc. Acesso em 29 de abril de 2012.

SISTO, F.F(2001). Avaliação de aprendizagem: uma questão em aberto. In: SISTO, F.F.; DOBRANSKY, E. A.; MONTEIRO, A (Orgs). Cotidiano escolar: questões de leitura, matemática e aprendizagem. Bragança Paulista: Vozes.

SMITH, Corinne & STRICK, Lisa. Dificuldades de aprendizagem de A a Z: um guia completo para pais e educadores. Tradução de Dayse Batista. Porto Alegre. Artmed, 2001.